

(Continuação da página 28)

A propósito de fachadas: a do livro, assinada por Luís Miguel Castro, é subtil e requintada, como convém.

(João Azevedo Ed., 1991, 102 págs, 1.200\$00)

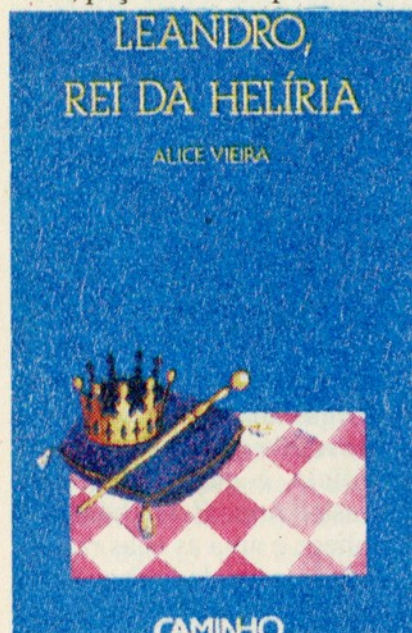
Inês Pedrosa

JUVENIL

LEANDRO, REI DA HELÍRIA

Alice Vieira

Do mesmo modo que a história do rei Lear remonta, em termos de origem, à antiga mitologia britânica, e que vários textos, assentes na mesma matéria, antecederam, em Inglaterra, o famoso drama shakespeariano, também, neste caso, se foi buscar a uma narrativa popular a base para **Leandro, Rei da Helíria**, peça de teatro para crian-



ças e jovens, com um enredo em muitos aspectos semelhante ao da obra do grande dramaturgo inglês.

«Morreu o rei. O que tinha o poder. O que era senhor do reino da Helíria. Ficou apenas o que havia por baixo da coroa. Ou seja: um pobre diabo igual a todos nós...» (p. 72). Bastaria esta fala do Bobo, na cena II do 2º acto, para confirmar a história de Leandro como um pretexto, bem explorado, para falar da psicologia humana, partindo de uma situação típica, semelhante, aliás, à de inúmeros contos maravilhosos: um pai decide repartir um reino pelas filhas e põe-nas à prova, acabando, contudo, por deserdar a mais nova. Esta vem a revelar-se, afinal, como a única que era merecedora da sua generosidade. Vítima do próprio orgulho e castigado pela sua cegueira, o rei expia as culpas

mergulhado na miséria, até ser finalmente salvo e perdoado pela filha mais nova, entretanto reencontrada.

Deste modo, e tal como em **King Lear**, se tematizam a cegueira e o autoconhecimento, a falsa e a verdadeira visão, a incapacidade de conhecer os outros, provocada pela vaidade e orgulho pessoais. Leandro tem de passar pela condição de homem miserável, louco e cego, para, finalmente, aceder à suprema visão: o conhecimento de si e dos outros, o saber distinguir o verdadeiro do falso afecto. O amor de Violeta da bajulação de Hortência e Amarílis.

Que elementos fazem, então, desta parábola sobre o poder e a sua perda uma peça teatral para os mais novos, em que o sério e o cómico se completam? Em primeiro lugar, a linguagem económica, mas viva, a que as novelas juvenis de Alice Vieira já nos haviam habituado. Em segundo lugar, o recurso ao canto e ao cómico de linguagem, de situações e de personagens (o contraste entre um rei louco e um bobo sábio; o impagável Simplício; o pastor). A nível técnico-narrativo, acrescenta-se a inclusão eficaz do «flash back» e do «flash forward» (cenas III e V do 2º acto), o que nos parece, até certo ponto, inovador, em termos de economia narrativa de um texto de teatro infantil. Sublinhe-se, a terminar, a solução teatral encontrada, para projectar, no presente, a problemática da peça, actualizando-a, assim, face a um público muito particular. Referimo-nos aos momentos em que o Bobo «sai» da cena dramática e se dirige directamente à assistência, num discurso que procura aproximar o passado do presente (o das «vossas ruas» e «corredor(es) do metropolitano», p.68). Trata-se de uma forma de realçar, indirectamente, a actualidade do tema, sem contudo deixar de provocar um corte no envolvimento emocional do espectador com a ficção, o mesmo é dizer, estimulando a necessária reflexão crítica sobre os quadros dramáticos apresentados.

Uma nova e divertida peça (inicialmente escrita para o Teatro Experimental de Cascais) se encontra, pois, à disposição dos grupos de teatro infantil em Portugal. Oxalá con-

siga chegar a uma boa parte daqueles que há muito merecem, e precisam de ver, trabalhos inteligentes como este.

(Caminho, 1991, 116 págs. 650\$00)

José António Gomes

ANGOLA

JOSÉ DA SILVA MAIA FERREIRA — O HOMEM E A SUA ÉPOCA

Carlos Pacheco

O autor começa por explicar com detalhe a génese deste trabalho sobre Maia Ferreira, figura da literatura de Angola, fazendo o ponto do estado da polémica sobre a vida do poeta. Aliás, diga-se que um tom coloquial percorre toda a obra, deixando perceber uma relação afectiva com o texto, que parece permanentemente lembrar as condições da sua elaboração: o autor enumera detalhadamente as preocupações a que responde e expõe, com cuidados pedagógicos, os seus procedimentos científicos.

Com base numa ampla pesquisa de fontes primárias, o autor aproveita cada passo da vida de Maia Ferreira (e dos seus ascendentes) para discorrer sobre aspectos da economia, das relações sociais, das instituições da Angola do litoral na primeira metade de Oitocentos. Se não se proporciona uma visão global da época, de resto impossível no estado actual dos estudos sobre Angola, fornecem-se informações relevantes e, ao mesmo tempo, abrem-se possibilidades de investigação aos estudiosos desse período.

Algumas notas sobre as bases de influência, económicas, políticas e simbólicas, das famílias euro-africanas tornam este trabalho, editado em Luanda, um contributo importante para o conhecimento do segmento «urbano ou semiurbanizado» (pág. 172) da Angola de então. De facto, o percurso de certas figuras pode ajudar a preencher um vazio de conhecimento e a indefinição de conceitos no tratamento destas sociedades. Eis-nos, pois, em torno da construção e averiguação da validade explicativa do conceito de «crioulo» (especialmente) confinado ao litoral de Angola, (pág. 240).

Quando por todo o lado se buscam e se «criam» identidades, torna-se interessante o estudo das aspirações das oligarquias locais, que poderão ter sido um referente ou uma saudosa memória para os protonacionalistas que lhes sucederam. O autor caracteriza sumariamente as aspirações dessas oligarquias: a riqueza permitia-lhes a defesa contra os europeus que chegavam para os cargos públicos superiores, desejosos de enriquecer e prontos a secundarizar os naturais, (pág. 53); prevalecia um sentimento de defesa do património familiar contra a usurpação dos metropolitanos, a quem não se reconhecia privilégios em nome de uma soberania necessariamente vaga e com pouca ressonância no imaginário dessas famílias (pág. 54).

Interessantes, estas hipóteses esperam por outros trabalhos que lhes forneçam a necessária fundamentação empírica que, por sua vez, não deixará de implicar a reformulação dos instrumentos teóricos necessários a uma melhor compreensão quer desses espaços «euro-africanos» quer das suas articulações com as sociedades do interior.

Abrem-se, pois, diversos campos de investigação de que apenas citamos dois: processos e ritmos de mobilidade da propriedade fundiária e bases do poder económico e político das famílias euro-africanas. Algumas comparações e extrapolações baseiam-se em referentes teóricos — por exemplo, «acumulação primitiva de capital» (pág. 179), «modo de produção capitalista», (pág. 184), tão diversificados da alusão a Ortega Y Gasset, (pág. 86), ou mesmo a Platão, (pág. 54) — que, pelo menos aparentemente, surgem algo desajustados neste texto.

Estamos, sem dúvida, em presença de uma obra absolutamente necessária a quem pretenda estudar Angola ou mesmo outras sociedades objecto da colonização portuguesa. Espera-se, agora, o estudo sobre essa singular figura angolana do século XIX, Ana Joaquina dos Santos.

(União dos Escritores Angolanos, Luanda, 1990, 308 págs.)

Augusto Nascimento